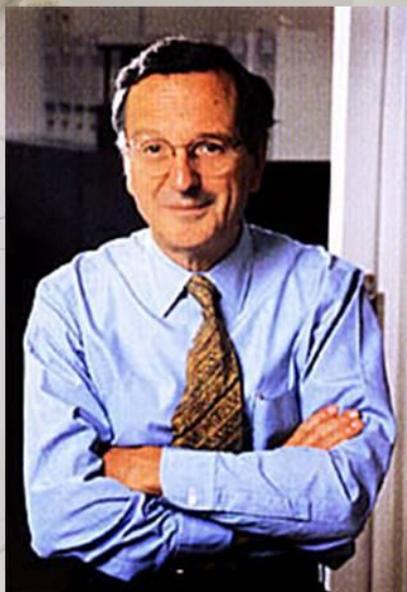


Aluna: Laíse Vasconcelos Queiroz

Rafael Moneo

José Rafael Moneo Vallés [Tudela, Espanha, 1937-] formou-se em arquitetura em 1961 na Escola Técnica Superior de Arquitetura de Madri. Terminada a graduação, trabalhou durante dois anos no escritório de Jørn Utzon (autor da Ópera de Sidney), na Dinamarca. Nesse período, viajou pela Escandinávia e teve a oportunidade de encontrar-se com Alvar Aalto, em Helsinki. Em seguida foi bolsista na Academia Espanhola em Roma, período em que conviveu com importantes arquitetos e críticos italianos, como Paolo Portoghesi, Bruno Zevi e Manfredo Tafuri.

De volta a Madri em 1965, estabelece seu escritório de arquitetura e recebe a primeira encomenda, o projeto da Fábrica Diestre, em Zaragoza. No ano seguinte, começa a lecionar na escola onde se graduou e a escrever artigos sobre arquitetura, muitos dos quais foram publicados na revista que fundou com um grupo de colegas, a *Arquitectura Bis*. Além disso, organizava na universidade o que chamou de “pequenos congressos”, dos quais participaram importantes arquitetos do mundo todo, como Álvaro Siza, Aldo Rossi, Peter Eisenman, Vittorio Gregotti, além de seus colegas espanhóis.

Em 1976, foi professor-visitante no IAUS e na Escola de Arquitetura Cooper Union, ambos em Nova York, e nos anos seguintes lecionou também nas universidades de Princeton, Harvard e Lausanne. Entre 1984 e 1990, foi Chairman do Departamento de Arquitetura da Harvard Graduate School of Design. De volta à Espanha em 1990, passou a dedicar-se mais intensamente à prática profissional, acompanhando vários projetos em construção.

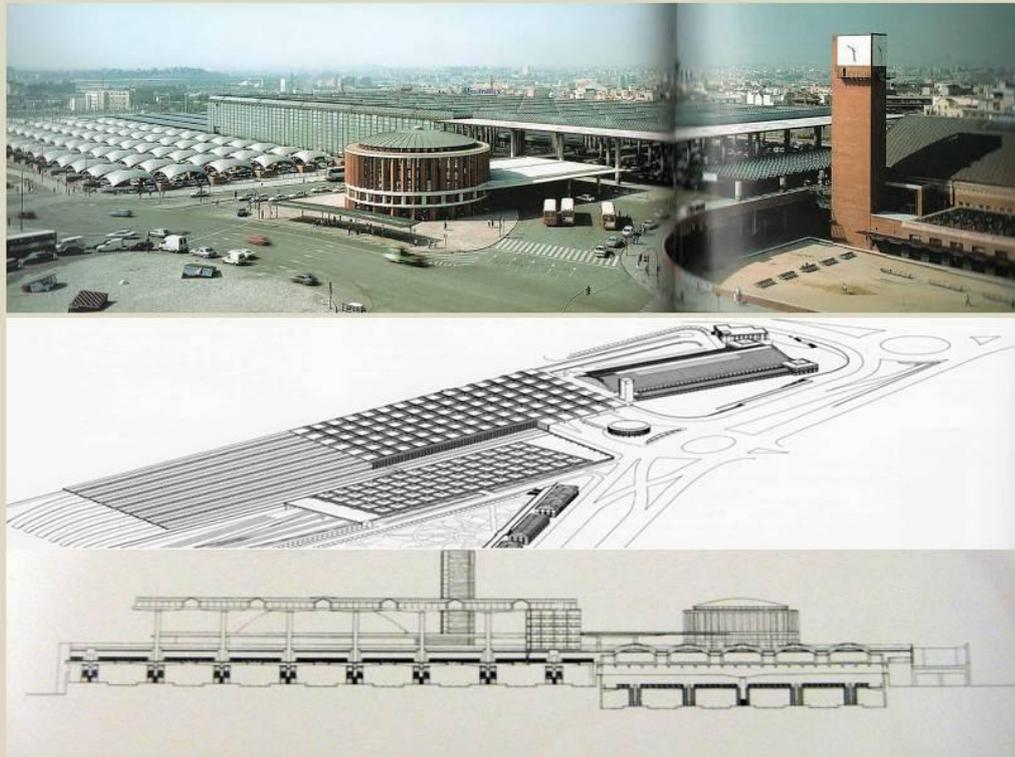
Mantém ainda ligação com Harvard, onde leciona duas semanas no primeiro semestre de cada ano, e tem participado de inúmeros simpósios e palestras em várias universidades nos Estados Unidos, Europa e Japão. Recebeu várias distinções, entre elas o Prêmio Prizker em 1996 e a RIBA Gold Medal em 2003.

Entre suas obras mais notáveis, estão: Museo de Arte Romano, Mérida (1980-85), estação ferroviária de Atocha, Madri (1985-88), Auditorium, Barcelona (1988-99), auditório e centro de convenções Kursaal, San Sebastián (1990-99), museu de arte moderna e arquitetura, Estocolmo (1991-98), prefeitura de Múrcia (1991-98), Museum of Fine Arts, Houston (1992-2000), catedral de Los Angeles (1996-2002) e ampliação do Museu do Prado, Madri (2007). A maior parte de seus textos críticos foi publicada nas revistas *Oppositions* e *Lotus*, além da *Arquitectura Bis*.

Técnico por excelência, a opção de material vidro, tijolo maciço, betão, mármore, nas suas obras é fundamental, podendo representar o próprio projeto. A forma e o espaço advêm da resolução de problemas específicos, bem como da análise do contexto físico, histórico e estético, integrados na obra pela reflexão, potenciada pelo *tempo* (como este se tratasse de um elemento de construção).

Contexto, conceito, material e forma são os valores com que trabalha, revelando um equilíbrio sublime entre as questões de cargas técnicas e as conceituais.

A abordagem da relação interior/externo e da luz, individualizam ainda mais a sua obra. Distinguindo claramente interior de exterior, os elementos de transição entre as duas *realidades* adquirem particular ênfase e caracterização, quer se trate de alpendres, pórticos ou das próprias aberturas de cada edifício. Em relação à luz, sobretudo nos diversos modos de captar e difundir no interior, tem se revelado um dos arquitetos mais experimentalistas e arrojadados nesta questão.

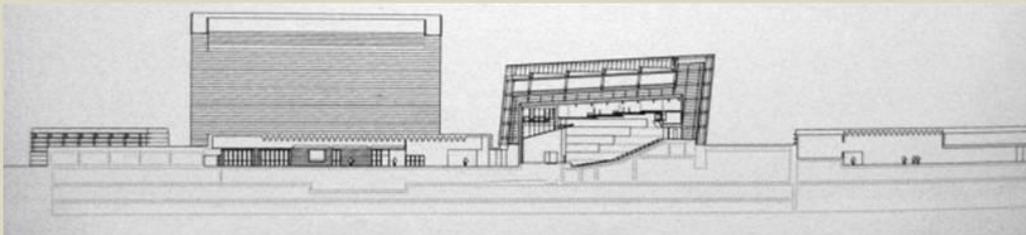
Museu Nacional de Arte Romana (Mérida) (1980-85)**Estação de Trem de Atocha (Madrid) (1985-88)**

Trata-se de uma antiga gare, de 1851, desenhada por Alberto Del Palácio, um colaborador de Gustave Eiffel. Para ampliar a capacidade, Moneo foi convocado para criar uma nova estação, conectada ao metrô e com grande área de estacionamento. O projeto é marcado por novos volumes, que vão do puro caráter tectônico (a gare, sobretudo) até elementos tipológicos que dialogam com a construção do século 19 (o volume cilíndrico de acesso ao metrô, por exemplo). O interior do antigo terminal foi transformado em um grande jardim coberto. A construção histórica ganhou também uma nova torre de relógio e uma praça de acesso, rebaixada e protegida do movimentado nó viário. Mas Moneo não trabalha com o entorno, como se fosse “uma estrutura superior que não permite ser autossuficiente”. Em seus projetos, ele não pretende criar apenas uma continuação do existente, mas uma ideia que pode dialogar com a situação existente: “A intuição atua com liberdade”.

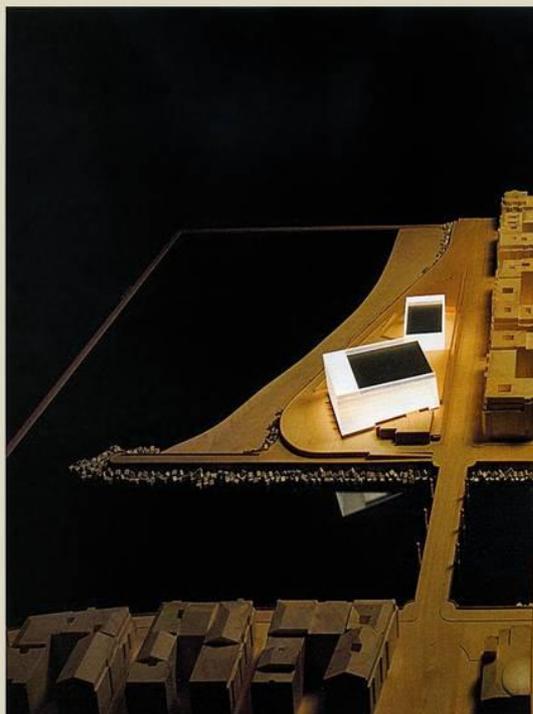
Auditório de Concertos (Barcelona) (1987-1999)



Palácio de Congressos e Auditório Kursaal (San Sebastián, Espanha) (1990-99)



Situado em frente da praia e junto à foz de um rio, o terreno fica isolado da cidade-quarteirão. Por isso, o arquiteto propôs duas caixas de vidro inclinadas, dois objetos autônomos que se colocam como transição entre a massa construída e o imenso vazio da paisagem marítima. Ambos têm como suporte uma plataforma, ou seja, funcionam como peças isoladas, contendo auditórios de tamanhos diferentes. Pensando na relação plataforma/volumes isolados, é inevitável a lembrança da Ópera de Sydney: os volumes de Utzon, também diante da água e destinados a salas de espetáculos, organizam-se através do volume de embasamento. O projeto é, além de uma resposta ao entorno, a proposta contida e inteligente de Moneo diante da arquitetura espetáculo. Para ele, “a arquitetura não deve impor sua presença ansiosamente”. Mesmo criando uma obra protagonista, o arquiteto insiste na coadjuvação: “A desembocadura do rio deve continuar visível, a cidade não deve fazê-lo desaparecer”.



Prefeitura (Múrcia, Espanha) (1991-98)



A construção divide espaço na praça central da cidade espanhola com a catedral e o palácio do cardeal, duas construções de valor histórico. Ciente de que não poderia encomendar um edifício qualquer, a prefeitura realizou um concurso, vencido por Alberto Noguero. Após polêmicas, a obra foi paralisada e Moneo convocado para concluí-la. Havia um espaço entre o volume construído e a praça, justamente a interface necessária para criar uma nova fachada. Moneo de início se perguntou: “Como criar essa cara?”. E ele mesmo responde: “Entendemos que a praça deve manter o espírito celebrado do barroco e por isso nossa proposta se encaminha para desenhar um edifício que queira ser um espectador, sem adquirir a condição de protagonista que a catedral e o palácio do cardeal possuem. Mas não se trata de um espectador qualquer. Ele representará o poder civil”. Sem abrir uma porta para a praça - “o edifício está nela” -, Moneo criou uma fachada hipnotizante, que rejeita a simetria, para não competir com as ordens clássicas.

Catedral de Nossa Senhora de Los Angeles (Los Angeles) (1996-2002)



Implantada no centro da cidade, junto de arranha-céus e ao lado de uma via expressa, a igreja substitui a construção histórica, comprometida pelo terremoto de 1994. Como Moneo se saiu dessa? Sua resposta, principalmente quando comparada com o vizinho Disney Hall, de Frank Gehry, é muito clara. Se este, fruto de Los Angeles, propõe um edifício atemporal, sem conexões com a história da arquitetura ou com o entorno (poderia estar em Beirute, São Paulo ou Tóquio), Moneo continua se reportando à história e à urbe. Primeiro, trabalha a imagem metropolitana, a percepção do prédio visto em alta velocidade; depois, estuda a escala de aproximação nas ruas vizinhas, em velocidade mais baixa; por fim, cria uma praça interna, refazendo as relações entre a arquitetura e o pedestre, perdidas em uma grande cidade.

Ampliação do Museu do Prado (Madrid) (2007)



Da responsabilidade de Rafael Moneo, a ampliação vem dotar, o maior e mais famoso museu de Espanha, de novas salas de exposição, de uma nova entrada e de novas estruturas complementares (auditório, gabinetes de trabalho administrativo).

A nova ala do Museu do Prado desenvolve-se nas traseiras do atual edifício e ocupa o antigo Convento dos frades Cartuxos, local onde ocorreram muitas das coroações dos reis de Espanha. A carga histórica e o simbolismo do local encontram-se respeitados e dignificados com a atual intervenção moderna.





O mais complicado edifício projetado pelo espanhol foi a ampliação do Museu do Prado (1996/2007), em Madri. Resultado de um concurso, a proposta se alongou por uma década, cheia de polêmicas e embates entre o governo, a sociedade civil, a direção do museu e o arquiteto. O anexo, que se coloca, mais uma vez, como coadjuvante da cena, está implantado ao lado do Claustro dos Jerônimos e se conecta ao prédio principal pelo subsolo. A paciência e a persistência com que Moneo se portou no processo demonstram um de seus traços como projetista: o respeito ao cliente e à comunidade. Para ele, é importante dotar o projeto de “capacidade de sobrevivência”, e sem o cliente é impossível que isso aconteça. “É o cliente que garantirá a durabilidade da obra, seu êxito e permanência”, diz. Moneo é um técnico sensível à história da arquitetura, autor de uma obra amparada pelo mundo democrático. “Resisto muitíssimo à ideia de entender o mundo apocalipticamente”, vive dizendo.

Rafael Moneo é um dos mais destacados arquitetos, vencedor de prêmios e autor de grandes obras e que dedicou grande parte da sua vida profissional ao ensino e à crítica em que examina obras de colegas como, Rem Koolhaas, Álvaro Siza, Frank O. Gehry, entre outros